

## Deus para além da religião: um ensaio teológico a partir de Karl Barth

God Beyond Religion: a theological essay from Karl Barth

Jefferson Zeferino

### Resumo

A crítica de Barth acerca da religião é radical. Para ele, a religião é tentativa humana de autodeterminação, salvação e santificação. Em outras palavras, a religião é uma forma de negligência do reconhecimento do senhorio de Deus em Jesus Cristo. Entretanto, como qualquer autor, o teólogo de Basileia deve ser lido em seu contexto. Portanto, nesta pesquisa, a partir de comentadores como Cumming, Rodrigues, West e Busch, procuramos compreender a crítica de Barth à religião em suas bases com a finalidade de atualizar seu pensamento no horizonte do diálogo inter-religioso. Como resultado, compreendemos que a crítica de Barth à religião fundamenta-se no confronto entre Religião e Revelação. Tal postura não rejeita a religião, mas procura entendê-la à luz da Revelação. Para o diálogo inter-religioso, por sua vez, a impossibilidade humana de apreender o mistério divino em sua integralidade requer da teologia uma constante postura de humildade.

**Palavras-chave:** Karl Barth. Religião. Revelação. Graça. Diálogo Inter-religioso.

### Abstract

Karl Barth's critic on religion is radical. According to him, religion is human effort to save and sanctify itself. In other words, religion is a way to neglect the acknowledgement of God's Lordship in Jesus Christ. However, as any author, the theologian of Basel must be read under the light of his context. So, in this research, with commentators as Cumming, Rodrigues, West and Bush, we seek to understand Barth's critic on religion on its basis in order to think his theology in the horizon of Inter-religious dialogue. As a result, we understand that Barth's critic is based on the confrontation Religion-Revelation, which does not neglect religion but wants to understand it under the idea of Revelation. To the Inter-religious dialogue, the human impossibility to fully grasp the divine mystery in its fullness requires constant humbleness from theology.

**Keywords:** Karl Barth. Religion. Revelation. Grace. Inter-religious Dialogue.

## Considerações Iniciais

A crítica de Barth acerca da religião é radical. Para ele, a religião é tentativa humana de autodeterminação, salvação e santificação. Em outras palavras, a religião é uma forma de negligência do reconhecimento do senhorio de Deus em Jesus Cristo. Em tempos de diálogo inter-religioso, a postura de Barth parece um ponto fora da curva, entretanto, como qualquer autor, o teólogo de Basileia deve ser lido em seu contexto. Portanto, nesta pesquisa, procuramos compreender a crítica de Barth à religião em suas bases com a finalidade de atualizar seu pensamento.

## Ressonâncias da crítica de Barth à religião

Sob o tema *o engano da religião (the deceptiveness of Religion)*, um dos mais reconhecidos discípulos de Barth – Eberhard Busch<sup>1</sup>, comenta acerca da posição de Barth diante do tema da religião. Para ele, no pensamento de Barth, a religião pode se apresentar como um local de troca do Deus verdadeiro por uma mentira cognominada de Deus. O que poderia ser considerado uma revolta contra Deus, ou ainda um anti-Deus, uma substituta da revelação, crença de homens sem Deus e ferramenta de domínio sobre seres humanos. Também o cristianismo é passivo desta crítica.

Contudo, em Barth, a revelação não significaria a negação da religião, mas a realocação da mesma, sendo que seu lugar vivencial seria sob a autoridade da revelação, servindo-a na medida em que auxilia o homem a abrir-se ao transcendente.

De acordo com Charles West<sup>2</sup>, Barth, Kraemer e Bonhoeffer concordavam em três aspectos básicos acerca da religião: 1. “A religião é um fenômeno humano”, trata-se da relação entre os anseios humanos e uma realidade última; 2. É a tentativa humana de abarcar Deus em um pensamento fechado; 3. Religião e Revelação deveriam ser “fortemente diferenciadas”, pois a Revelação é a “auto-comunicação de Deus com a humanidade”. A revelação assume aqui papel central. O homem é capaz de religião, mas somente pela força do Espírito ele pode ter acesso a realidade de Deus como tal.

<sup>1</sup> BUSCH, E. The Disconcerting Truth – The Problem of Religion. In: \_\_\_\_\_. **The great passion: an introduction to Karl Barth's Theology**. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 141-145.

<sup>2</sup> WEST, C. Barth, Kraemer, and Bonhoeffer on Religion: a reflection. In: **Journal of Ecumenical Studies**. 49:1. Winter 2014, p. 53.

West aponta para o fato de que Barth nunca se confrontou especificamente com alguma religião, a ponto de estudá-la em relação a fé cristã. Para West<sup>3</sup>, “sua preocupação era resgatar o cristianismo – a Igreja e seu Evangelho – de sua decadência ao status de outra ‘religião’”. A intenção de Barth é restaurar à teologia cristã a dimensão de “atividade humana reconhecendo e respondendo a graça e o julgamento de Deus revelados em Cristo”. Efetivamente, Barth era contrário aos reducionismos ideológicos do cristianismo em nação ou classe trabalhista, por exemplo<sup>4</sup>.

West entende que Kraemer e Bonhoeffer, basicamente concordariam com a seguinte afirmação de Barth: “A revelação de Deus na efusão do Espírito Santo é a presença julgadora, mas também reconciliadora, de Deus no mundo da religião humana, isto é, no ambiente das tentativas humanas de auto-justificação e salvação diante de uma imagem projetada de Deus por suas próprias ideias [*eigensinnig*] e de acordo com seus próprios desejos [*eigenwillig*”<sup>5</sup>.

De acordo com Feuerbach, Deus é uma projeção enquanto objetificação do humano, projeção das potencialidades da humanidade como um todo<sup>6</sup>. A seu modo, este conceito é recepcionado pela teologia barthiana. Entretanto, para além da religião, Barth compreende a realidade de um Deus em si, que se torna audível ao humano na pessoa de Jesus Cristo. Isto é, Karl Barth contrapõe revelação à religião. Sobre isso, pontua Cumming<sup>7</sup>, no horizonte da revelação como rejeição da religião, inclusive a fé cristã enquanto “produto da imaginação humana, permanece sob a condenação divina da religião enquanto incredulidade”. Por isso, “o cristianismo só é elevado acima das ‘outras’ religiões na medida em que se torna o evento da graça divina, que só ocorre enquanto ela proclama de forma autêntica o ‘nome’ de Jesus Cristo em sua vida”. Destarte, toda aproximação humana da revelação é religião, a revelação em si depende sempre de novo da obra vivificante do Espírito Santo, na medida em que aponta para a salvação mediada pelo Filho.

A elaboração teológica barthiana acerca da religião, entretanto, por ser justamente teológica, não possui coerência externa, pois não é possível imputar caráter de revelação ao

<sup>3</sup> WEST, 2014, p. 53.

<sup>4</sup> WEST, 2014, p. 54

<sup>5</sup> BARTH apud WEST, 2014, p. 53.

<sup>6</sup> CUMMING, R. Revelation as apologetic category: a reconsideration of Karl Barth’s engagement with Ludwig Feuerbach’s critique of religion. In: **Scottish Journal of Theology**. v. 68. n.1. 2015, p. 46.

<sup>7</sup> CUMMING, 2015, p. 48.

evento Cristo fora da teologia. Aspecto corroborado por Cumming<sup>8</sup>, “o conceito circunscrito de Barth acerca da religião possui coerência interna, mas não externa”. Efetivamente, Barth não intenta fazer ciência ou filosofia da religião, ele parte do dado da fé enquanto pressuposto do fazer teológico.

A crítica de Feuerbach a teologia protestante, entendendo o *Deus pro nobis* de Lutero, como um Deus para o ser humano, quase como um serviçal, é entendida em Barth como um Deus conosco, ou ainda Deus com, o que é levado ao conceito da própria humanidade enquanto “fellow-humanity”, i.e., co-humanidade<sup>9</sup>. Pois, em Barth, “a verdadeira humanidade é inerentemente relacional”. Em sua liberdade, Deus escolhe criar e amar a humanidade<sup>10</sup>. Ser com Deus, é a compreensão barthiana da existência humana à luz do *Deus pro nobis*, que é um Deus sofredor<sup>11</sup>. Neste ponto, Barth contrapõe a crítica feuerbachiana do Deus cristão enquanto projeção do desejo de infinitude, pois a imagem do Cristo sofredor “imuniza” a ideia de uma representação egoística de Deus<sup>12</sup>.

De acordo com Rodrigues<sup>13</sup>, embasada em Lane, Weber e Niebuhr, a teologia barthiana seria uma construção contra Feuerbach. Entretanto, a crítica ao antropocentrismo enquanto religião feita por Barth a Feuerbach é ainda mais evidente em sua reação a Schleiermacher. Para Barth, “embora todo respeito que é devido à genialidade de sua obra de vida, *não* é (sic!) um bom mestre teológico” seu pensamento é “obscuro” justamente porque, para o teólogo de Basileia, “falar de Deus é algo *diferente* do que falar do ser humano em tom um pouco mais elevado”<sup>14</sup>.

Para Rodrigues, “tudo o que Feuerbach fez foi constatar uma realidade patente na teologia moderna: a teologia há muito tempo se tornou antropologia. Barth, portanto, utilizou Feuerbach para criticar a teologia de seus dias”<sup>15</sup>.

Rodrigues fala de duas fases de confronto entre a teologia barthiana e o pensamento de Feuerbach, num primeiro momento haveria a discussão de conceitos em um terreno antropológico comum, porém, segundo ele, a partir da década de 1950 este mínimo

<sup>8</sup> CUMMING, 2015, p. 50.

<sup>9</sup> Nos utilizamos da interpretação do termo feita por Garcia Rubio (2001).

<sup>10</sup> CUMMING, 2015, p. 56.

<sup>11</sup> CUMMING, 2015, p. 58.

<sup>12</sup> CUMMING, 2015, p. 59.

<sup>13</sup> RODRIGUES, A. Religião, teologia e antropologia: o confronto entre Karl Barth e Ludwig Feuerbach. In: Horizonte, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, jun. 2009, p. 163.

<sup>14</sup> BARTH, K. **Dádiva e louvor**: ensaios teológicos de Karl Barth. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2006, p. 73.

<sup>15</sup> RODRIGUES, 2009, p. 165.

comum se desfaz, impossibilitando o diálogo. Entretanto, é justamente de 1956 o importante texto “a humanidade de Deus”, onde Barth coloca a antropologia no centro vital da teologia<sup>16</sup>. Ora, quando Deus se faz homem, dizer teologia é simultaneamente dizer antropologia. De fato, esta antropologia difere das de Feuerbach e Schleiermacher, ela possui a pessoa de Jesus Cristo na base, a partir do qual não somente o ser e a existência humana são dimensionados, mas a existência e o ser do próprio Deus.

### **Recepção da crítica de Barth sobre a religião a partir de elementos da teologia barthiana**

Ao entendermos, portanto, que a religião, em Barth, teria seu local vivencial sob a Revelação, poderíamos rapidamente pensar que trataríamos aí de um reducionismo da religião para dentro da compreensão cristã, movimento potencialmente excludente. Entretanto, ao voltarmos ao teólogo de Basileia, percebemos que a tentativa de estabelecer cercas bem delimitadas ao seu pensamento é algo não facilmente praticável. Além disso, poderíamos imediatamente dizer que o diálogo inter-religioso não pode haurir positivamente da teologia de Barth, e que a única forma legítima de religião seria o fazer teológico cristão enquanto glorificação de Jesus Cristo.

Entretanto, em outros espaços, em sua pneumatologia, e.g., como aquela que encontramos em sua *Introdução à teologia evangélica*, percebemos uma determinada humildade intelectual do teólogo de Basileia ao aproximar-se teoricamente do mistério de Deus<sup>17</sup>. Em outras palavras, Barth assume a existência de Deus como verdadeira, mas a entende como não completamente apreensível. De certa forma, podemos dizer que, para Barth, não só ao ser humano é impossível chegar a Deus como também é impossível apreendê-lo teoricamente em sua integralidade. Esta crítica deve ser aplicada ao próprio pensamento de Barth, entendendo sua elaboração teológica, assim como qualquer outra, enquanto precária, provisória e contextual. Ao que corroboraria o próprio Barth, para ele “toda obra humana é só trabalho preparatório, e um livro teológico ainda o é mais que qualquer outra obra!”<sup>18</sup> (BARTH, 2016, p. 43).

Ao falar sobre *A palavra de Deus como encargo da teologia*, destaca Barth:

<sup>16</sup> RODRIGUES, 2009, p. 167.

<sup>17</sup> BARTH, K. *Introdução à teologia evangélica*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

<sup>18</sup> BARTH, K. *A Carta aos Romanos*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2016, p. 43.

Não podemos falar de Deus. Pois falar de Deus significaria, se o tomássemos a sério, falar com base na revelação e na fé. Falar de Deus significaria falar a palavra de Deus, aquela palavra, que só pode provir dele, aquela palavra em que *Deus se torna ser humano*. [...] Dizer isto, que *Deus se torna ser humano* [...], seria nosso encargo teológico<sup>19</sup>.

O Deus humanado de Barth seria a possível base antropológica a partir da qual sua teologia poderia dialogar com outras antropologias. Mas este Deus humano não pode ser teoricamente apreendido em sua integralidade, mesmo assim, “a palavra de Deus é o encargo tão necessário quanto impossível da teologia”<sup>20</sup>. Por isso:

Precisamente de modo tão exato devemos considerar que essa é a situação de nosso encargo, que de Deus somente o *próprio* Deus pode falar. O encargo da teologia é a palavra de Deus. [...] devemos considerar que o alvo de nossos caminhos é que o próprio Deus fale<sup>21</sup>.

Em Barth, estabelecida a devida humildade do humano que quer tratar do mistério de Deus, compreende-se que o teólogo por excelência seria o próprio Deus. Ora, “que o próprio Deus fale” e que ele seja ouvido é a esperança do teólogo. Efetivamente, o teólogo suíço compreende que Deus realmente fala, que suas palavras criativas (*logos* e *dabar*) e redentoras (Jesus Cristo) ressoam para dentro da humanidade por meio da humanização do próprio Deus. Afirma Barth:

Todos os meus pensamentos giram em torno daquele um ponto, que no Novo Testamento se chama Jesus Cristo. Quem diz “Jesus Cristo” não pode dizer: “poderia ser”, mas: “é”. No entanto, quem de nós está em condições de dizer “Jesus Cristo”? Nós talvez tenhamos de nos contentar com a constatação de que Jesus Cristo é dito pelas suas primeiras testemunhas. Crer na promessa com base em seu testemunho e ser, portanto, testemunhas de seus testemunhos, ou seja, teólogos escriturísticos, isso seria então nosso encargo<sup>22</sup>.

Barth reconhece a legitimidade da fé cristã, e a autoridade do texto bíblico para dentro da Igreja. E entende que o seu desafio é pensar o mistério de Deus a partir dos

---

<sup>19</sup> BARTH, 2006, p. 74.

<sup>20</sup> BARTH, 2006, p. 81.

<sup>21</sup> BARTH, 2006, p. 82.

<sup>22</sup> BARTH, 2006, p. 83.

testemunhos acerca deste Deus humanado. Não podemos, entretanto, negligenciar as outras narrativas sobre Deus, e a autenticidade de demais tradições religiosas.

### Considerações Finais

Apesar deste não ter pensado o diálogo inter-religioso propriamente dito, é possível encontrar em seu pensamento elementos que auxiliem a teologia cristã a pensar este tema. Desta forma, no horizonte do Deus humanado que é Deus da graça, pode-se compreender a promoção da vida, da misericórdia e da graça como pontos de partida para um diálogo inter-religioso focado na gratuidade e na potencialização das características de gratuidade e solidariedade das tradições religiosas em um processo de mútuo aprendizado.

### Referências

- BARTH, K. **A Carta aos Romanos**. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2016.
- BARTH, K. **Dádiva e louvor**: ensaios teológicos de Karl Barth. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2006.
- BARTH, K. **Introdução à teologia evangélica**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007
- BUSCH, E. The Disconcerting Truth – The Problem of Religion. In: \_\_\_\_\_. **The great passion**: an introduction to Karl Barth's Theology. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 128-151.
- CUMMING, R. Revelation as apologetic category: a reconsideration of Karl Barth's engagement with Ludwig Feuerbach's critique of religion. In: **Scottish Journal of Theology**. v. 68. n.1. 2015, p. 43-60.
- RODRIGUES, A. Religião, teologia e antropologia: o confronto entre Karl Barth e Ludwig Feuerbach. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 156-169, jun. 2009.
- RUBIO, A. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2001.
- WEST, C. **Barth, Kraemer, and Bonhoeffer on Religion**: a reflection. In: **Journal of Ecumenical Studies**. 49:1. Winter 2014, p. 53-58.
- ZEFERINO, J. Práticas religiosas e sua fundamentação ética a partir de Karl Barth. In: **Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER**, Belo Horizonte, p. 1841-1855.